

## A PROPÓSITO DA "ESCOLA ÚNICA"

(Dr. Anísio Spinola Teixeira)

Carneiro Leão em seu último notável livro, sobre a educação nacional, afirma que a "escola única" é uma aspiração universal. E, neste momento, a França faz da implantação do regimen da "escola unica", um dos pontos do seu programa de governõ.

Realmente, a idéia tem o seu aspecto sedutor. Justificam-na dois formosos princípios: todo homem tem direito a que a sociedade lhe forneça os meios de desenvolver plenamente as suas faculdades; este direito do individuo é, por outro lado, o interêsse natural da sociedade.

Uma "escola unica" abrigatória para todos, ministrando ensino de um modo integral e uniforme, seria o aparelho mágico destinado a dar a todos os homens o pleno desenvolvimento de suas faculdades.

A perfeita unidade da cultura e o seu perfeito desenvolvimento criariam a perfeita unidade e a perfeita grandeza nacionais.

Tal edificio grandioso e simples de instrução abriria para êsse país privilegiado o maior caminho de todos os tempos para a república, para a democracia e para a felicidade nacional.

A simplicidade, entretanto, do projeto trai a sua inexequibilidade.

O seu perigoso ideologismo leva-o a desprezar os mais triviais elementos da complexa realidade humana.

Se é verdade que o homem, na sociedade, tem direito ao desenvolvimento da inteligência em sua plenitude, daí se não segue que a organização de um instrumento unico, idéntico para todos e a todos acessível a "escola unica", venha abrir para todos os homens a possibilidade de um pleno desenvolvimento de suas faculdades.

Um desenvolvimento absolutamente igual de naturezas desiguais desenvolve-as plenamente?

Antes pelo contrario, semelhante aparelho de ensino não irá produzir o nivelamento intelectual e moral de um país, com a criação de um "tipo médio", sem grandes defeitos, porém sem grandes virtudes, tipo abstrato de cidadão, em que desaparecessem todas as qualidades e particularidades individuais?

Como se pensar em desenvolvimento idéntico para todas as inteligências de um país, se uma delas vai constituir a inteligência do camponês, outra a do industrial, outra a do letrado, a do profissional, a do artista?...

A inteligência de um dos nossos vaqueiros, por exemplo de um daqueles sertanejos tão admiravelmente descritos por Euclides da Cunha, conhecedor da sua terra e das coisas da sua terra, sábio na arte de pastorear o seu gado e na equitação bárbara das caatingas, não tem a inte-

ligência altamente desenvolvida para a melhor adaptação ao meio e à sua atividade?

Dar-lhe, dentro das condições desse meio, a educação e a instrução necessária ao melhor aproveitamento de suas energias, é completá-lhe a formação.

Mas, atira-lo à educação integral onde ele e o intelectual requintado recebem num mesmo método um idêntico ensino, é desenraizá-lo e inutilizá-lo.

No seu aspecto fundamental a escola única se apresenta, assim, em sua simplista uniformidade, desadequada para atender a variedade complicada da espécie humana e a sua aplicação como um possível e sempre desastroso nivelamento da inteligência de um país.

+ + +

O projeto da "escola única" retirado da pura teoria, reveste-se, entretanto, de uma feição diversa.

Anatole France, em *La Vie en Fleur*, resume, muito bem, o que é o problema da escola única na sua feição atual, ou, si queremos, na sua feição política.

"Não convém mais à nossa sociedade, diz Anatole, que o filho do povo vá à escola primária e ao filho do rico esteja reservado o Liceu, onde aliás ele nada aprende.

Depois dessa guerra monstruosa que em cinco anos tornou caducas todas as instituições, é preciso reconstruir o edifício da instrução sobre um plano novo e de uma magestosa simplicidade.

Igual instrução para crianças ricas e pobres. Todas irão à escola primária. Dentre elas as que mostrarem mais aptidão para os estudos serão admitidas ao curso secundário, o qual, dado gratuitamente, reunirá sobre os mesmos bancos a elite da juventude burguesa e a elite da juventude proletária. Essa elite enviará, então, a sua elite às grandes escolas de ciências e de arte. Assim a democracia será governada pelos melhores". (1)

Nada mais bonito. A escola primária é a casa de ensino do pobre. O rico vai para o Liceu. Tornemos obrigatória a primeira para o rico e para o pobre, e descerremos a este, com a absoluta gratuidade, a porta do Liceu.

O ensino primário obrigatório, limiar do ensino secundário; e este, gratuito, preparatório das especializações de curso superior; está aí a "escola única", como a prevêm os desejos de justiça e igualdade de nossas democráticas sensibilidades.

Entretanto, em países de perfeita organização intelectual essas três formas de ensino não se sobrepõem, de modo a poder constituir um só edifício educacional, como à primeira vista fazem supor as próprias designações: primário, secundário, superior.

O primário é completamente independente e isolado. Em sete e oito anos fornece à criança uma instrução geral e positiva, diretamente orientada para a imediata aplicação dos conhecimentos.

Da escola primária ascende o aluno à escola primária superior, que se destina a desenvolver-lhe a instrução recebida e dar-lhe, embora sem um ensino propriamente técnico, a necessária formação profissional para ganhar a vida. Seguem-se os cursos técnicos.

O ensino secundário, quando bem compreendido, se distancia do ensino primário desde as suas classes preparatórias ou elementares.

Não se destinando, imediatamente, a formar o homem para a vida econômica, o ensino secundário, já naquelas classes preparatórias, vai recebendo a orientação específica de um ensino de cultura.

E a cultura desenvolve o homem, sobretudo, em profundidade.

Muito diferente da acumulação numerosa de conhecimentos e da instrução experimental e concreta, a cultura, propriamente dita, nos põe em contacto com o enigma humano e entreabre esses horizontes interiores, eternamente inexplorados, onde o espírito encontra assunto para as magnificências sombrias das reflexões e das meditações para sempre insolúveis.

Mau grado a forma paradoxal, que apenas salienta o esolarecimento que desejo trazer, a cultura nos ensina, sobretudo, que bem pouco podemos saber...

Assim, enquanto uma educação puramente científica ou empírica produz esses espíritos positivos, que têm dentro da alma formulas e etiquetas para tudo; a cultura, no sentido humanista e clássico forma essas inteligências ornadas e amadurecidas, com vistas profundas sobre as coisas e os homens, sem formulas nem soluções feitas para nenhum problema, mas com uma noção exata da realidade e que sabem que concluir é, muitas vezes, dizer que se não pode concluir...

As classes elementares do ensino secundário se devem inspirar, por esse espírito de profundidade e acabamento, que o ensino primário não requer e não suporta.

A escola primária não prepara, deste modo, a entrada no Liceu.

De acordo com a nossa análise, dois ensinos elementares se destacam em uma boa organização intelectual de um país: um, destinando-se a formar o espírito para as necessidades imediatas da vida—primário; outro, destinando-se a prepara-lo para a cultura amadurecida do curso secundário.

Em França, com os programas de 1902 era muito nítida essa diferença.

Em 1923, Leon Bérard, para facilitar que alunos da escola primária passassem para o curso secundário estabeleceu um exame na escola primária que daria entrada no Liceu. Entretanto, não se confundia esse exame com o certificado escolar, que o aluno recebia no final do curso primário e, apesar da determinação expressa da lei de 1902...

programas nas duas classes de escolas, a distinção se mantinha apesar de tudo, e o desenvolvimento das cadeiras, em uma e outra, não era de nenhum modo o mesmo.

De sorte que o problema se torna complexo.

A escola única na sua concepção teórica contraria a grande e invencível desuniformidade das inteligências e dos seus imediatos destinos.

A "escola única" como a quer a democracia, vem ferir uma concepção pedagógica justa e razoável.

Tornar o ensino primário único e natural limiar do ensino secundário é unificá-los, o que, de certo modo, fere a essência de um e de outro.

Ou se irá primarizar o Liceu ou secundarizar o ensino primário. Nenhuma das duas coisas é acertada.

Acompanhem-me em distinções que vale muito apontar o que demonstram a minha afirmação.

O ensino primário, já o dissemos, deve sempre ter as suas características próprias. Gratuito e generalizado formará a criança economicamente para a vida. O primário superior completará e aperfeiçoará esse ensino, conservando-lhe as mesmas diretrizes positivas e práticas.

O Liceu desenvolve o espírito, em todas as grandes possibilidades especulativas. Amadurece a inteligência, dá-lhe músculos, torna-a ágil, fecunda, audaciosa. Treina em um alto grau as faculdades do pensamento.

Naturalmente longo, para ser completo este curso secundário se dobra em dois cursos — clássico e moderno, — conforme se destina a uma cultura humanista integral ou ao estudo preferencial das ciências e línguas vivas.

A "escola única" transformando o Liceu na continuação do curso primário deve logicamente evitar essa bifurcação, que ainda permite o curso secundário conserve o seu valor pedagógico.

O Liceu será, igualmente, único, como a escola primária.

Único, as preferências democráticas, hoje, são todas pelo ensino moderno.

Ora, o que se chama ensino moderno no curso secundário, não é nada mais que ensino primário superior.

E deste jeito se iria primarizar o ensino secundário quando os que se dedicam, com orientação mais intelectual do que utilitária ao problema de ensino, pensam em suprimir o espírito primário, com a supressão das próprias escolas normais, que se transformariam em cursos novos, com um ensino secundário integral, seguidos da indispensável especialização.

Não preciso apontar os perigos dessa primarização integral da cultura.

A recíproca também é desastrosa.

Se, para maior harmonia do curso, dessemos ao primário uma organização secundária, perderia aquele ensino a sua razão de ser.

+ + +

A "escola unica" encerra ainda uma tirania inexplicável em países verdadeiramente democráticos.

Efetivamente, tal projeto não pode ser levado a efeito sem a monopolização do ensino pelo Estado. Esta face política da monopolização é muito grave, porque entregando ao Estado, exclusivamente a educação de um país, virtualmente se desconhecem os direitos da Família. A Família passa a existir para o Estado, não este para aquela. E todos sabemos de quantos erros é fonte unica, essa inversão perigosa e fatal.

De sorte que, em conclusão, devemos manter a liberdade de ensino e a sua variada e natural organização. Para satisfazer as aspirações de justiça e <sup>de</sup> igualdade é bastante, aos países que o poderem, que se torne gratuito em toda sua extensão o serviço do ensino.

Todos os grandes problemas democráticos confinam com essa barreira do dinheiro. Aos outros Estados, para quem essa gratuidade é impossível, resta somente distrair-se das formosas ilusões igualitárias e não se deixar tentar pela "escola unica".

Que o país se desenvolva pelas suas forças vivas e naturais. A educação do homem dentro do seu meio e da determinação de suas inclinações. Formemos o camponês, um bom camponês. O intelectual, um bom intelectual.

A identidade de programas e de cursos é um desastroso nivelamento.

A "escola unica" é uma organização artificial. Impossibilita o ensino particular que, desobrigado da rigidez das leis e programas oficiais é mais sutil, mais maleável, satisfaz mais completamente as necessidades sociais e nos fornece uma variedade maior de ensino, para a organização intelectual do Estado.

+ + +

São idéias as que aí ficam que ferem, pelo menos, uma face, do problema da "escola unica". O assunto é oportuno para nós desde que pensamos em organizar a educação do Estado e não o poderemos fazer sem o exame desses debatidos problemas. O ensino secundário que possuímos não permite certamente as considerações que apresentamos. Mas, para o exame do problema não me cabia cogitar senão do ensino secundário, como deve ele ser e não como o imaginaram os nossos legisladores.

Bahia, Novembro de 1924.

# INSPECTORIA GERAL DO ENSINO

## Conselho Superior do Ensino

"Inspeccoria Geral do Ensino do Estado, — Bahia, 12 de Fevereiro de 1925.

Emo. Sr. Presidente do Conselho Superior do Ensino da Bahia. — Tenho a honra de levar ao conhecimento do Conselho de Ensino os programas das escolas elementares do Estado, organizados pela Comissão do proprio Conselho, depois de sucessivas reuniões de estudos, em que tive o prazer e a honra de estar presente colaborando com a referida comissão.

Possuidos que estavamos todos do desejo de organizar um programa em que se aproveitassam os conhecimentos da pedagogia moderna, mas, que ao mesmo tempo não se afastasse das condições do meio bahiano, quero crer que a obra da illustre comissão apraxinou-se sensivelmente do ideal visado.

Muito extensos, será, talvez uma acusação que logo acudirá aos leigos.

O meditado julgamento do Conselho, entretanto, verificará que os programas analíticos que desejamos organizar, urgiam por essa extensão para que servissem, realmente, aos professores bahianos — de relação de conhecimentos a transmitir e de guia os processos de ensino.

Os programas ora apresentados buscam vivamente tornar automatico, por assim dizer, o cumprimento dos processos didáticos modernos.

Executar tais programas é ensinar consoante os conselhos da pedagogia contemporânea.

Julgarei, igualmente, oportuno incluir no ensino primário as cadeiras de Geometria, Desenho, Trabalhos Manuais e Educação Física.

Dispensável, por certo, apresentar ao Conselho argumentos que amparem tal criação.

De resto, todos os programas não buscam senão realizar todas as linhas de ensino intuitivo, racional e pedagógico, métodos e processos que todos admiramos e cuja execução visamos agora empreender.

Com as minhas homenagens de alta consideração e apreço.

Anisio Spínola Teixeira, Inspetor Geral do Ensino".

### PROGRAMA DA ESCOLA ELEMENTAR

#### LÍNGUA VERNÁCULA

##### 1.º ANO

O ensino da leitura, base de todo o edificio literário, deve começar por:

Exercícios de leitura de sentenças fáceis e curtas, por desenhos traçados no quadro negro, pelo dos mapas murais, ou pela do proprio livro de leitura.

Multiplicação e combinação, por vários modos, das mesmas palavras — sentenças diversas.

Repetição, com acrescimo de palavras novas, das sentenças estudadas.



Silabação das palavras conhecidas com exercícios no quadro negro, nos mapas murais, ou ainda no livro de leitura.

Estudo metódico das letras, começando pelo das vogais, seguindo-se-lhe o das consoantes monofonas e depois o das polifonas.

## 2º ANO

Leitura de historietas que interessem o aluno.

Explicação das gravuras do livro de leitura.

Exercícios sobre os principais sinais de pontuação.

Narração feita pela criança dos trechos lidos.

Correção da linguagem do aluno.

Exercícios sobre os acentos gráficos e notações.

Exercícios sobre os grupos vocálicos e consonantais.

Ditados de frases tiradas do livro de leitura.

Princípios de análise léxica.

Exercício de memória com a recitação de trechos curtos e fáceis em prosa ou verso, extraídos do livro de leitura.

## 3º ANO

Leitura corrente e expressiva.

Ditados de trechos ao alcance dos alunos.

Exercícios sobre as palavras flexivas e inflexivas.

Estudo da flexão nominal e verbal.

Conjugação dos verbos auxiliares.

Conjugação dos verbos regulares e irregulares.

Exercícios variados e múltiplos sobre a análise léxica.

Estudo completo dos sinais de pontuação.

Análise sintática.

Exercícios de redação.

Descrição de plantas e animais conhecidos, de objetos usuais, resumo das lições de coisas, cartas familiares, fábulas, historietas, etc.

Exercícios de memória com a recitação em prosa e verso de trechos seletos de escritores.

## 4º ANO

Estudo desenvolvido da lexicologia.

Estudo dos metaplasmas.

Conhecimento dos principais fatos de sintaxe.

Figuras de sintaxe.

Estudo da semeiologia: homônimos, sinônimos, antônimos e parônimos.

Análise léxica e sintática.

Interpretação de trechos escolhidos de bons autores como Feliciano de Castilho, Antonio Vieira, Ray Barbosa, Carneiro Ribeiro e outros.

Ligeiras noções de literatura através dos principais vultos nacionais.



- 3 -
- Redação de cartas sobre assuntos variados.
  - Descrição de cenas da natureza e assuntos familiares dados pelo professor ou nascidos da própria iniciativa do aluno.
  - Requerimentos.
  - Ofícios.
  - Circulares.
  - Transposição de verso em prosa.

## CALIGRAFIA

### 1º ANO

O exercício da escrita deve ser ambidestro, concomitantemente feito com o da leitura.

Exercícios feitos no quadro negro.

Primeiro e segundo cadernos da "Caligrafia Americana Inclinada", de Francisco Viana, observando-se as indicações ministradas pelo mesmo autor, nos referidos cadernos.

### 2º ANO

Terceiro e quarto cadernos da mesma "Caligrafia" do citado autor, segundo o processo adotado no primeiro ano.

### 3º ANO

Quinto e sexto cadernos idem, idem

### 4º ANO

Aprendizagem da letra redonda, da gótica e de outras de fantasia.

## ARITMÉTICA

### 1º ANO

1º Contar até (100), habituando os meninos a reunir objetos, só se usando números abstratos quando já compreenderem a organização das dezenas e centenas de objetos. Ler e escrever os números, com uso dos zeros intermediários. Numeração romana até 100.

2º Realizar operações de somar, diminuir, e multiplicar sobre números de 2 algarismos, indo o multiplicador até 10, e dividir com um algarismo no divisor até 5, com problemas fáceis e de aplicação à vida doméstica.

3º Conhecimento das taboas, das 4 operações fundamentais, sendo realizadas praticamente, em exercícios repetidos, mas os alunos devem saber-las de memória terminarem o 1º ano.

4º Exercícios de medida nas três dimensões, sobre objetos reais, sobre os qua-

do professor ou do aluno. Calcular pequenas distâncias à vista.

5ª Idéia de número por 1 ímpar, duplo, triplo, quádruplo, metade, terço, quarta. Tais noções serão ensinadas com exemplos concretos, fazendo a divisão material dos objetos ou sua reunião em grupos maiores ou menores.

Serão evitadas as definições e as regras, realizando-se todo o trabalho com a orientação do professor de modo mais prático e intuitivo. Ainda a matéria do 2º ano será dada sem definições obrigatórias para o aluno.

**2º ANO**

1º Contar, ler, escrever até dez mil, usando-se os zeros intermediários. Formação das dezenas, centenas e milhares por acumulação de objetos. Numeração romana até 1000. Sinais aritméticos.

2º Somar e diminuir números até 4 algarismos; multiplicar com multiplicador de 2 algarismos e por 100 e dividir com divisor de 1 algarismo e por 10. Exercícios nestas muito repetidos, envolvendo as quatro operações. Inversão dos fatores de modo que o multiplicador seja muito maior que o multiplicando. Multiplicação e divisão abreviadas. Igualdade entre somas, diminuições, multiplicações e divisões.

3º Frações ordinárias—próprias, número misto, unidade em forma de fração. Somar e diminuir frações ordinárias do mesmo denominador, que deem por soma ou tenham por minuendo o inteiro em forma de fração. Divisibilidade por 2, 5 e 10. Igualdade entre frações com termos diferentes:  $1/2$ ,  $2/4$ ,  $4/8$ ,  $3/6$ ,  $5/10$  ou outras.

4º Frações decimais até centésimos. Mostrar graficamente a igualdade entre  $1/2$  e 0,25;  $1/2$  e 0,5;  $3/4$  e 0,75;  $1/3$  e 0,2. Somar diminuir frações e números decimais.

5º Sistema métrico decimal. Metro, gramo; múltiplos e submúltiplos do gramo e do metro. Uso de cada medida em atos realizados pelos alunos, quanto possível. Problemas envolvendo medidas e preços de mercadorias.

**3º ANO**

1º Escrever números até dezenas de milhões. Conhecimento das classes e ordens valor absoluto e relativo do algarismo arábico. Numeração romana até milhões. Grandeza e quantidade. Quantidades homogêneas e heterogêneas. Unidade. Repetir números seguidos na ordem decrescente. Números pares e ímpares.

2º Operações fundamentais sobre números até 4 algarismos, tendo o multiplicador 4 e divisor 3 algarismos. Complemento do quociente. Multiplicação e divisão abreviadas.

3º Números múltiplos e primos. Divisibilidade por 2, 3, 4, 5, 6 e 10. Far-se-á o estudo praticamente sem definições nem teoremas, dando-se grande número de exemplos até que o aluno conheça finalmente o caso de divisibilidade. Fatores primos. Mínimo múltiplo comum, máximo divisor comum.

4º Estudo das frações ordinárias, próprias e impróprias. Redução ao mesmo denominador. Simplificação de frações. Operações sobre frações. Frações de frações. Redução de frações ordinárias e decimais. Frações decimais, operações sobre frações e números decimais. Mostrar a igualdade entre  $1/2$ , 0,5 e  $50 \div 100$ ;  $1/4$ , 0,25 e  $25 \div 100$ ;  $3/4$ , 0,75 e  $75 \div 100$ ;  $1/5$ , 0,2 e  $20 \div 100$  em exemplos concretos.

vida.

5º, Sistema métrico decimal. Múltiplos e submúltiplos até miria e mili. Operações sobre sistema métrico. Far-se-ão problemas com dados colhidos pelos próprios alunos, com medidas de extensão, capacidade, peso, etc. Múltiplos e submúltiplos de metro quadrado e de metro cúbico. Noção prática com modelos feitos em cartolina.

### 4º ANO

1º Revisão de todo programa do 3º ano. Escrever números até bilhões com zeros intermediários. Operações até 7 algarismos com multiplicador de 5 e divisor de 4 algarismos. Ao ponto 3º acrescentar divisibilidade por 7, 8, 9, 11. Ao ponto 4º do 3º ano, acrescentar:  $1/8 = 0,125$ ,  $12 \frac{1}{2} \text{ ¢} = 12,5 \text{ ¢}$ .

2º Estudo prático e operações fundamentais de números complexos, especialmente sobre idade, em anos, meses e dias; sobre latitudes e longitudes diante do globo e do mapa, em graus, minutos e segundos. Nos lugares do interior onde ainda se usam as medidas antigas, o professor fará problemas jogando com as mesmas.

3º Noção prática de razão e proporções. Problemas muito fáceis de regra de 3 simples e composta, problemas de falsa posição, de percentagem, de juros, de descontos de divisão em partes proporcionais, de média, de mistura e liga, de câmbio sobre os Estados Unidos, França e Portugal. O professor poderá ensinar câmbio sobre a Inglaterra, mas não o exigirá dos alunos. Fará aplicação da redução à unidade, ou análise, sobre os problemas de regra de 3, com o fim de educar o raciocínio dos alunos.

4º Potencia. Noção prática de quadrado e cubo. Raiz quadrada de quadrado perfeito. Raiz cúbica de cubo perfeito. Mostrará o professor a facilidade deste trabalho, desde que já se estudaram os fatores primos.

## GEOMETRIA

### 1º ANO

#### Observação

O ensino da geometria deve ser ministrado de um modo intuitivo e prático. Não existe estudo mais fácil quando seja feito com clareza e lógica.

O modo concreto como for conduzido o ensino permitirá que o professor ensine, sem muito esforço, o método da redescoberta (rediscovery).

O aluno terá a satisfação de encontrar ele próprio o conhecimento que o professor lhe deveria trazer.

Do conhecimento prático das figuras seguirá o professor para o estudo abstrato de suas propriedades. As noções abstratas deverão, entretanto, se desprender do estudo concreto das figuras como conclusões claras e naturais.

A criança sentirá que tudo se encaixa e ao ver que lhe é dada uma parte saliente no investigar, raciocinar e encontrar dos conhecimentos, terá encanto especial nesse estudo.

Não deixará passar ensejo o professor para sublinhar a aplicação na vida prática de todos os conhecimentos ensinados.

## 1º ANO

Conhecimento prático dos sólidos—cubos, esferas, cilindros, prismas etc.

Do exame prático dessas figuras retirar intuitivamente com a criança a noção das figuras geométricas linha, superfície, volume. Depois, explicando que a Geometria já estuda as figuras em um só plano (geometria plana), já em mais de um plano (Geometria no espaço), chegar às noções concretas de Geometria plana—perímetro, circunferência, círculo, ângulo, triângulo, indicando propriedade e aplicações.

## 2º ANO

(V. observação do 1º ano.)

Conhecimento prático das figuras anteriores, do cone e da pirâmide.

Analogias com objetos usuais.

Representação gráfica.

Estudo geral dos polígonos.

Avaliação das áreas do quadrado e do retângulo.

Avaliação do volume do cubo.

## 3º ANO

(V. observação do 1º ano.)

Área do triângulo e dos quadriláteros em geral,

Superfície dos sólidos estudados.

Noções de agrimensura.

## 4º ANO

(V. observações do 1º ano.)

Repetição geral, com especialidade das noções de agrimensura.

## GEOGRAFIA

### 1º ANO

#### Observação

O professor evitará sobretudo a repetição mecânica dos acidentes geográficos, dos números de superfície e de população, dos nomes de cidades, sem ordem de valor ou de proximidade territorial. Todo o trabalho deve ser feito diante da carta geográfica. Os alunos devem organizar pequenas cartas que serão feitas à vista do mapa. Deve-se habituar o aluno a ter em vista o valor econômico das regiões, ficando em segundo plano a notabilidade histórica. Grande parte da Geografia deve ser ensinada como lição de coisas, diante dos objetos manufaturados e produtos naturais das diferentes partes do mundo. Todos os assuntos devem ser tratados tendo por centro o Brasil, lembrando-se aos alunos outras partes do mundo.

O professor, em palestra, mostrará os povos civilizados resolverem os problemas em favor do aumento da sua riqueza. Criticará o abandono dos nossos produtos naturais, especialmente frutas, que manufaturadas seriam economicamente transportadas. Em cada região do Estado o professor organizará quadros comparativos dos vários produtos naturais, indicando os que se acham inexplorados, podendo ser fonte de riqueza.

Em momento algum tais comparações devem deixar ressaltar idéia de inferioridade em críticas de ridículo. Sempre procurará o professor salientar a nossa superioridade nas riquezas naturais, explicando pelas condições de tempo e meio, a demora do nosso progresso que vai sendo firme e que se tornará cada vez mais acelerado, com o aumento da população, desenvolvimento da instrução e saneamento dos campos e cidades. O professor instilará no espírito do jovem a convicção de que a energia do brasileiro não é menor que a dos estrangeiros: apenas estes são mais disciplinados por serem descendente de raças que sofreram por muitas centenas de anos e efeitos da educação.

Também mostrará o professor a superioridade da vida do campo sobre a da cidade, salientando a miséria da pobreza nas capitais.

1º Estudo do prédio da escola e sua divisão. Pontos cardeais tomando por ponto de partida a frente de casa. Rua e distrito em que se acha a escola.

2º Ruas que encontram com a escola. Mercado e casas comerciais mais próximas. Edifícios públicos do distrito.

3º Demais edifícios da localidade. Vias de comunicações: linhas de bondes, elevadores, viadutos. Estradas de ferro que partem ou passam da localidade. Ponto de estrada de ferro mais próximo da localidade.

4º Indicar no mapa e no globo a povoação onde se acha a escola. Traços gerais da Bahia, do Brasil, da América do Sul, do Continente Americano.

5º Estado da Bahia. Seus grandes rios, suas principais produções. Estudo particular da zona em que se acha a escola: zona do cacau, do algodão, do gado, da engorda do gado, da mineração, do fumo, do café, das indústrias extrativas, e manufatureiras. Aqui o professor dará instruções do sentido de realizar algum progresso no ramo da indústria mostrando o que de rotina embaraça o seu desenvolvimento e fará um rápido estudo das demais zonas, indicando-as, no mapa. Na capital este ponto será substituído pelo estudo dos arrabaldes, localização das igrejas, cemitérios, fábricas, mercados, trapiches, pontos de desembarque, praias de banho, pontos de regatas, de corridas de cavalos e outros desportos. Não esquecer que este ponto deve ser dado em caráter de ilção de coisas

6º Denominação dos acidentes geográficos, diante do desenho apropriado ou de carta geográfica. Exemplificação de tais acidentes, na natureza quanto possível, no lugar em que está a escola.

## 2º ANO

1º Recapitulação, com desenvolvimento, do programa do 1º

2º Estado da Bahia. Explicação, diante da carta, dos meridianos, paralelos e dos pontos cardeais na carta da Bahia. Pontos colaterais. O professor conseguirá que os alunos designem a orientação dos lugares, relativamente ao centro do Estado e relati

3º Brasil. Perante a carta do Brasil os alunos mostrarão o equador, o trópico de capricórnio. Designação das duas zonas. Os vários Estados do Brasil conforme os pontos cardiais e colaterais, estabelecendo-se os contrastes de clima e de temperatura dos mesmos. Capitais dos Estados.

4º Países e Capitais da América. Comparação da superfície dos países da América, diante do mapa, com a do Brasil.

Países da América do Sul e seus limites com o Brasil, salientando-se os que não se limitam.

5º Mapa Mundi. Linhas e círculos da esfera. Redondeza da terra. Os oceanos e os continentes e seus limites. Hemisférios oriental e ocidental, setentrional e meridional.

### 3º ANO

1º Recapitulação cuidadosa do programa do 1º e 2º anos.

2º Movimento de rotação da terra. Antipodas. Meio-dia no Rio de Janeiro e meia noite em Tóquio. Movimento de translação: verão, outono, inverno e primavera. Mostrar que não temos na Bahia estações definidas; indicá-las no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A neve, o gelo, os calores ardentes do deserto que não temos.

3º As três grandes bacias fluviais, seus rios navegáveis. Montanhas que limitam as três bacias, formando as vertentes. Pontos culminantes do Brasil. Planaltos. Clima dos planaltos, comparado com o das costas.

4º Cabos, ilhas, baías e portos do Brasil. Comparação dos portos quanto ao seu movimento de importação e exportação.

5º Principais produtos de exportação do Brasil. O professor fará a apreciação do desenvolvimento que vai tendo o uso da farinha de mandioca na Europa e salientará a facilidade de sua cultura em todas as regiões do Estado da Bahia. O professor comentará o mau hábito dos nossos lavradores, que abandonam uma cultura logo que ela desce de preço, produzindo um estrangulamento periódico da vida econômica.

### 4º ANO

1º Recapitulação do programa anterior.

2º Forma da terra, pontos, linhas e círculos da esfera, movimentos, estações, dias e noites, ano. Marés. Fases da lua e Eclipses. Pontos cardiais e colaterais. Hemisfério, zonas, latitude e longitude. Fases heréticas. Regas, Religiões, Estados de civilização. Formas de governo. Denominações dos acidentes geográficos.

3º Principais acidentes geográficos da América. Superfície e população, países e capitais, forma de governo dos países da América. Comparação da população do Brasil com os demais países da América.

4º Principais acidentes geográficos do Brasil. Limites, superfície e população do Brasil. Regiões naturais: Norte, Nordeste, Leste, Sul, Centro e Oeste. Produções naturais dessas regiões: Agricultura, Criação de gado, Mineração, Indústrias extrativas vegetais.

5º Estados e capitais. Superfície e população de cada Estado. Produções naturais e industriais de cada Estado. Progresso dos Estados do Sul; Imigração, clima de esta-

6º Estado da Bahia. Limites. Superfícies População. Comparação da superfície e da população da Bahia com os demais Estados do Brasil. Principais acidentes geográficos da Bahia. Regiões naturais e suas produções. Estradas de ferro. Portos. Rios navegáveis da Bahia. O professor terá em exposição nas paredes da sala os quadros comparativos da produção da Bahia, fornecidos pela Diretoria de Estatística.

7º Europa. Limites. População. Países e Capitais. Principais acidentes geográficos. Governos da Europa. Principais produtos naturais e manufaturados que nos vêm da Europa. Indústrias brasileiras que já fazem grande concorrência às Europas, no mercado brasileiro. Comparação da superfície e da população do Brasil com os dos países da Europa.

8º Países e Capitais da Asia. Principais rios, montanhas e desertos e produções da Asia. Grande progresso do Japão. Imensa população da China e Índia. Países da Africa independente e suas capitais. Regiões africanas sob o protetorado ou colônias da Europa. Principais rios e desertos e produções da Africa. Grande progresso da Colonia de Cabo. Principais regiões da Oceania: grande progresso da Australia e da Nova Zelândia.

O professor procurará fixar no espírito dos alunos a lembrança das regiões, indicando suas grandes produções acessíveis à inteligência infantil. Tais noções devem ser dado como lições de coisas, aconselhando o professor aos alunos a leitura de almanaques e colecionamento de recortes de jornais sobre dados estatísticos do nosso país e do estrangeiro.

## HISTÓRIA DO BRASIL

### 1º ANO

#### Observação

O professor evitará exigir datas, rigorosamente, no primeiro e segundo anos. Só no terceiro se exigirão as mais importantes. Esforçar-se-á por associar às narrações e apreciação das gravuras dos livros, fazendo destes e dos retratos, pontos de referência para a aprendizagem das datas. No exame seguir-se-á o mesmo método.

Dar-se-á ao estudo uma orientação crítica, apresentando os quadros da vida social e econômica e mostrando a civilização que foi adquirida pelo país. Nas localidades menos civilizadas o professor mostrará que antigamente todos os lugares do Brasil eram atrasados, mas que hoje têm povoados de grande luxo e cultura.

Onde não houver estrada de ferro, lembrará quanto tempo se gastava antigamente para ir do Rio a São Paulo, fazendo-se hoje a viagem em 10 horas. Ensinará que os nossos antepassados trabalharam para nós e que temos o dever de trabalhar para os provindouros. Salientará o esforço dos portugueses povoando e alargando o território do Brasil, entregando-o ao governo imperial tão grande quanto o é hoje. O professor mostrará que o futuro do país será de grande prosperidade e força, dependendo tudo da unidade nacional que devemos manter com todas as nossas energias. No 3º e 4º ano, além do livro o professor escreverá no quadro negro o esquema de cada lição, estabelecendo o nexo entre

No primeiro e segundo anos alunos não usarão livros de História; o professor fará o ensino por meio de palestras, dizendo claramente datas, que não exigirá e que serão lembradas por alguns alunos.

Mostrará as gravuras do livro, fazendo rápida biografia dos nossos grandes homens, à vista do retrato isolado de cada um.

1º Pequenas explicações sobre os selvagens. Nenhuma cidade havia no Brasil; só as tabas dos índios no meio das extensas matas virgens. Armas dos índios, guerras, ferocidade. Alimentação. Cultura da mandioca nas algumas tribos.

2º Tudo estava assim, quando veio Pedro Álvares Cabral, com os portugueses. Caramurá, Tomé de Souza e a fundação da Bahia. Como os padres jesuítas, franciscanos e carmelitas educaram os índios.

3º O país cresceu. Criaram-se as fazendas, as outras cidades: Rio, Pará, Recife, S. Paulo. Vieram muitos portugueses e muitos negros africanos. Os índios foram fugindo para o Amazonas, Mato Grosso, Goiás, porque não queriam trabalhar. Afinal os brasileiros não quiseram mais obedecer a Portugal. Grito do Ypiranga. Dois de Julho. Imperador Pedro I. Imperador Pedro II.

4º O Brasil teve guerra com o Paraguai, Batalhas de Riachuelo e Tuyutí. Depois da guerra o telegrafo, as estradas de ferro, o progresso da agricultura, a vinda dos imigrantes, a liberdade dos escravos, proclamação da República.

## 2º ANO

1º Desenvolvimento do 1º ano.

2º Viagem de Pedro Álvares Cabral e Cristóvão Colombo, diante do Mapa Mundi ou do Globo. Comparação, diante de gravuras, dos navios de hoje com os do descobrimento da América e do Brasil. Tempo gasto nas viagens daquele tempo e nas de hoje.

Mostrar que não haviam as máquinas a vapor, mas já havia as armas de fogo, que pouco antes foram descobertas. Também mostrar que a imprensa fora inventada naquela época.

3º Carta de Pero Vaz Caminha, viagem ao Brasil, por ordem do governo português. Caramurá e Remalho. Martin Afonso e S. Vicente. Francisco Pereira Coutinho e a Capitania da Bahia. Estudo das demais capitanias, perante o Mapa Mundi.

4º Primeiro Governador. Fundação da Bahia.

5º Recapitulação de 3º ponto do 1º ano.

6º Recapitulação de 4º ponto do 1º ano.

## 3º ANO

1º Recapitulação dos pontos 1º, 2º, e 3º do programa do 2º ano.

2º Os três primeiros governadores gerais. Fundação da Bahia. Invasão de Villegaignon. Fundação da cidade do Rio. O professor mostrará o grande esforço dos portugueses, abrindo os primeiros núcleos de civilização no meio da hostilidade dos índios, das moléstias e do calor, que não tinham na Europa. Na invasão francesa estudará a aliança que faziam os índios com as 4 nações. Salientará o trabalho dos padres jesuítas, carmelitas e



3) Passagem do Brasil para o domínio Espanhol. Rápido estudo do Brasil daquela época. As povoações da Bahia, Rio, S. Paulo, Olinda. Não havia gente civilizada no centro do país. Piratas e corsários. Invasão do Maranhão pelos franceses. Influência desta invasão na ocupação do Norte do Brasil por brasileiros, portugueses e espanhóis.

## EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

### 1º e 2º ANOS

Noção da Pátria baseada na Família. Mostrar as crianças o sacrifício ou o esforço que fazem os pais para criá-las. Obediência e respeito devidos aos pais e aos mais velhos. Salientar que o esforço dos pais não teria completo resultado se não houvesse a Escola; que a vida e a propriedade do cidadão não teria segurança se não a Pátria pelos seus órgãos de governo e administração.

Até os selvagens obedecem a certos chefes e trabalham em comum, quer na construção das tabas, quer nas guerras, em que eles se defendem ou vingam alguma ofensa.

Em palestra muito acessíveis o professor procurará firmar no espírito da criança as idéias de disciplina, ordem, autoridade de governo e direito de cada cidadão.

Em correlação com as lições de História do Brasil, explicará os feriados de 3 de Maio, 7 de Setembro e 15 de Novembro.

A educação cívica não deve tomar a forma de lições independentes. Todo o assunto do programa deve ser ensinado com oportunidade, no correr das lições de leitura, de geografia, de História do Brasil, etc.

### 3º ANO

1º Desenvolvimento das idéias transmitidas no primeiro e no segundo anos. Amor da Pátria como dever de cada um. Salientar que nós devemos amar o Brasil, mas respeitar o amor que têm outros homens pelos seus países. Igual estudo das noções de respeito ao direito de cada família e de cada pessoa. Dêsse respeito provém a ordem, base do progresso.

2º Noção da própria dignidade, perigo do orgulho e da vaidade, perigo do evitamento. Hábito de trabalho metódico como base da felicidade. O asseio do corpo, as horas de sono, o modo de comer, como base de equilíbrio nervoso e moral. Insistir na grande influência da perfeita função digestiva, para firmeza da vontade.

3º Noções sobre o governo do Município e do Estado. Intendente, Conselho e Juiz de Paz. Governador, Assembleia, Tribunal e Juizes. Polícia. Punição dos criminosos. O júri. Trabalhos públicos de construção e conservação. Higiene pública. O professor aproveitará as ocorrências da vida local ou transmitidas pelos jornais, a fim de dar oportunidade para estas noções, que não serão guardadas pelos alunos, se lhes forem transmitidas em dissertações em palestras sem referência a casos concretos.

4º Noções gerais do Governo da República. Presidente, Congresso, Supremo Tribunal, Exército, Marinha, Alfândegas.

5º Dará o professor grande importância à compreensão dos alunos quanto aos feriados de 3 de Maio, 7 de Setembro, 15 de Novembro.

1º Recapitulação dos assuntos de 1º, 2º e 3º anos.

2º Importância do município no progresso do País. Si todos os cidadãos trabalharem por seu município o desenvolvimento geral será mais seguro. As autoridades do Estado e do País estão muito longe e não podem ver facilmente as necessidades imediatas de cada localidade. O professor se esforçará por convencer os alunos do dever que tem de trabalhar pela localidade em que vivem. Salientando as necessidades do município em que trabalha, o professor evitará fazer apreciações deprimentes, levantando, ao contrário, o ânimo dos alunos e indiretamente de suas famílias. Recordará a obsequação da História do Brasil, mostrando que, no passado, todos os lugares eram atrasados e com o tempo, trabalho e perseverança, foram subindo em progresso e civilização.

3º Direito e dever do voto. Maioridade aos 21 anos. Registro civil. Eleição do Presidente da República, Deputados e Senadores, Governadores e Presidentes de Estados, Congresso, Intendentes e Conselheiros. Lembrar que o Presidente da República noutros países é eleito pelo Congresso. Eleições de 2º grau.

4º Imposto. Dever do imposto. Orçamento. Utilidade e perigo dos empréstimos. Imposto de renda e suas vantagens. Defeito de nossa organização orçamentária. Mal do imposto de exportação.

5º Serviço militar. A guerra é um mal inevitável nas condições atuais de civilização. Não só nas linhas do exército o cidadão servirá à Pátria no momento da guerra; o industrial, o agricultor são elementos de suprema importância no êxito da guerra.

### ELEMENTOS DE CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS. NOÇÕES DE HIGIENE

#### Observação

As lições destas disciplinas pelas suas dependências, precisam de obedecer a uma certa ordem de sequência.

O sucesso a obter na maneira de dotar e transmitir os ensinamentos, sendo preciso adaptá-la ao menino. Nos primeiros tempos terão a forma de "lições de coisas"; mais tarde será admitido o "livro", porém somente como auxiliar das explicações e meio de recapitular as lições ouvidas do professor, terminantemente proscrito o cultivo exclusivo da memória.

Será preocupação capital fazer atrair e ensino das noções científicas, conduzindo ao aluno a observar, a notar os fatos, ao mesmo tempo a experimentar as verdades, que lhe vão sendo explicadas, é proporgão do seu ensino.

Assim, cada lição deverá constar: 1º— da observação e da nota dos fatos e dos corpos; 2º— de experiências e de práticas referentes ao assunto em estudo sempre que este as comportar; 3º— da explicação, clara e simples, das noções científicas relativas aos fatos e corpos observados, e às experiências praticadas; 4º— da enumeração e lembrança de aplicações práticas do conhecimento adquirido.

Depois, sobre o assunto se fará um resumo, se organizarão perguntas, / provas ("tests") de memória, provas de redação.

Para o bom desempenho destes objetivos se organizarão, com todos os recursos da escola, excursões, visitas a estabelecimentos, etc.

As lições versarão sobre:

**1.º ANO**

Seres vivos e corpos brutos. Constituição de uns e de outros. Os três estados físicos dos corpos, suas principais características; mudanças de estado. Peso dos corpos.

Ar atmosférico, suas propriedades; gases, poeiras e micróbios do ar. As correntes de ar.

Influência do ar sobre a vida dos seres, em virtude da sua composição, papel dos gases que nele se encontram, influência do ar puro e do ar impuro a saúde do homem.

O peso do ar, a pressão que ele exerce sobre os corpos, influência desta pressão, aparelhos para sua medida.

As forças, a força da gravidade, seus efeitos, sua direção; o peso dos corpos e sua variabilidade; recursos para avaliação das forças e dos pesos.

A água, estados físicos que pode apresentar, caracteres que lhes são próprios; composição da água quimicamente pura; circulação e mudanças de estado da água na natureza; água higienicamente pura; ação dissolvente da água; origens da água.

Água de beber, suas qualidades, influência sobre a vida do homem, dos animais; papel da água na alimentação das plantas, emprego nas indústrias. Águas impuras; purificação da água para bebida.

Os líquidos; seu equilíbrio em condições diferentes; pressões que eles exercem e que eles experimentam; suas consequências e utilizações.

A água em estado sólido na natureza, influência da água sobre a crosta terrestre

O vapor d'água existente no ar, as nuvens as chuvas; vapor d'água obtido artificialmente, sua utilização.

O calor, suas fontes, ação do calor sobre os corpos; efeitos da dilatação do ar; meios de medir as diferenças de calor; aplicações diversas da ação do calor sobre os corpos.

## 2º ANO

A combustão como fonte de calor e de luz; ação do ar sobre a combustão, e desta sobre aquêle, processos de iluminação por empregos das combustões.

Carvões: naturais e artificiais. O diamante e o brilhante, o grafite, seu valor industrial e prático. Hulha e turfa. Extração da hulha; as minas e suas galerias; os minerios; trabalho e perigos da vida dos mineiros. Iluminação no interior das minas. Distilação da hulha: o coque, o gás de iluminação, o alcatrão. Pés de sapatos, carvão de madeiras, carvão animal.

---

A combustão do carvão e produtos gasosos dela resultantes; caracteres destes produtos. O anidrido carbônico, e o óxido de carbono; circulação do carbono na Natureza.

---

Combustíveis diversos, além do carvão: o enxofre, o fósforo, o petróleo, a pólvora, o álcool, os óleos, os cêres, as cêras; seus usos na vida prática.

---

Os metais em geral, suas propriedades mais importantes; os minerios e a metalurgia; metais usuais e metais preciosos; as ligas metálicas e seus usos mais comuns.

---

Os ácidos, as bases, os sais; ácidos fortes e ácidos fracos. Sais úteis à nutrição do homem, dos animais e das plantas; sais empregados para fins industriais e agrícolas.

---

Os compostos orgânicos em geral. Os açúcares, os corpos gordos, o amido, a cellulose, a albumina, a caseína. O leite, a manteiga, o queijo. Origens destes produtos, suas utilidades à vida orgânica e social do homem.

---

Fenômenos elétricos. A eletricidade produzida por atrito; corpos, condutores e isoladores. Eletricidade nas nuvens; o raio, os relâmpagos, o trovão. Fôra-raios. A eletricidade por ação química; correntes elétricas, seus efeitos.

---

Imã e suas propriedades eletro-ímãs; o imã terrestre; a bússola e seus usos. Campanhas elétricas; telefone e telégrafo com fios, sua utilidade na vida prática.

A luz, como se propaga; reflexão dos raios luminosos, os espelhos; refração dos raios luminosos, as lentes; os óculos e outras aplicações destes fenômenos.

---

O som, como se produz e como se propaga; a reflexão e a refração das ondas sonoras; a ressonância, o eco; o ruído e a voz, o fonógrafo.

---

666

---

A crosta da Terra, seu estado atual. Outras partes do corpo da Terra. Modificações constantes na crosta terrestre e suas causas determinantes. Ação das águas grutas, cavernas, abismos; barragens, deltas, estuários. Tremores de terra, vulcões vivos e mortos. Fontes de água quente e de vapores.

---

Os materiais que constituem a crosta da Terra, como se formaram; diversas espécies de rochas, suas qualidades diferenciais, suas aplicações mais usuais; terra vegetal, adubos.

---

O corpo humano e seu esqueleto; os ossos, sua constituição, sua quantidade, suas variedades; a ossificação. As juntas dos ossos; ossos que se fraturam, ossos que se deslocam.

---

Os movimentos do corpo humano e seus agentes diretos (músculos e tendões). Os exercícios físicos e seus efeitos sanitares. A pele, a gordura e o suor. Higiene da pele; banhos, suas variedades, efeitos diversos que produzem.

---

Alimentação do homem; comidas e bebidas alimentícias. Variedades de alimentos e para que servem no organismo. Bebidas naturais e bebidas condenáveis.

---

A digestão dos alimentos; órgãos que compõem o tubo digestivo do homem, e órgãos que lhe são anexos; funções de uns e de outros. Absorção, e vias de sua realização. Higiene da digestão.

---

30 ANO

---

O sangue humano, a linfa, o chilo. O coração, os vasos sanguíneos, linfáticos e chylíferos. A circulação, seu mecanismo e seus efeitos. Higiene da circulação.

---

Os órgãos da respiração no homem; órgãos principais e órgãos auxiliares da respiração; movimentos e fenômenos outros da respiração; tipos de respiração segundo a idade e o sexo. Higiene da respiração. As eliminações, seus órgãos principais. Urina.

Estado do sangue decorrente das eliminações.

O sistema nervoso, como ordenador dos trabalhos dos órgãos receptores e órgãos de transmissão da corrente nervosa. Conexões íntimas da vida vegetativa e da vida animal. Higiene do sistema nervoso.

Os sentidos do homem, e os órgãos que lhes são próprios. Sentidos inferiores e sentidos superiores. Higiene dos órgãos dos sentidos.

As bebidas alcoólicas, e seus efeitos sobre a saúde e a vida do homem, do indivíduo e da espécie. Hábitos abastados, sobrios e temperantes.

Os micróbios em geral; micróbios úteis e micróbios nocivos; as moléstias microbianas; o contágio; a defesa natural do organismo quando atacado; defesa artificial; vacinação; meios utilizáveis para destruição dos micróbios causadores de moléstias.

A peste branca (tuberculose); necessidade de lutar contra a ação constante do seu micróbio nas aglomerações humanas. Qual é a sua causa, como ela se transmite, como escolhe as suas vítimas. Meios de prevenir e de debelar o insidioso mal.

Os animais em geral; vertebrados e invertebrados. Vertebrados e sua classificação. Os Mamíferos que vivem na água, e os que vivem; indicação dos mais conhecidos.

Os Mamíferos que pisam a terra; ordens que eles constituem, diferenciação destas ordens; animais que as representam atualmente, sobretudo em nosso meio.

As aves em geral, seus caracteres orgânicos e diferenciais. As galináceas e os pombos. Os pássaros, os ovos, os ninhos. Proteção às aves úteis.

Estudo das aves de rapina, trepadeiras, palmípedas e corredoras; caracteres que as distinguem umas das outras; espécies úteis à agricultura, espécies prejudiciais aos criadores.

Os répteis, os batráquios e os peixes, sua diferenciação. Répteis venenosos, perigo da sua mordedura; meios seguros de evitar os efeitos da picada; males falazes, que não merecem confiança. A piscicultura, seus benefícios; a pesca, meios e modos de praticá-la; necessidade de regulamentá-la.

1º ANO

Os insetos em geral. Morfologia do seu corpo; sua vida e sua reprodução. Metamorfose e mimetismo nos insetos. Insetos úteis.

---

Estudo dos insetos nocivos sob todos os aspectos: espécies parasitas do homem e transmissores de moléstias.

---

Os crustáceos, espécies úteis; os arácnidos e os miriápodos; os vermes em geral, espécies parasitas do homem; os moluscos, espécies comestíveis; os radiozoários e os protozoários.

---

A planta em geral; o eixo da planta, morfologia da raiz e do caule; funções destes órgãos; cuidados que reclamam.

---

Estudo da folha: discriminação das partes que a compõem. Funções que desempenha este órgão, sua importância para a nutrição da planta.

---

A flor: órgãos protetores, órgãos da fecundação, influência dos ventos e dos insetos na atividade desta. Desenvolvimento do ovário, constituição do fruto e da semente. Frutos secos, frutos carnosos.

---

A semente, partes que a compõem. Disseminação e seus agentes. Germinação e seus fatores. Fenômenos germinativos. Multiplicação das plantas independentemente da fecundação.

---

A classificação geral dos vegetais. Plantas sem flores e plantas com flores. Plantas sem raiz e plantas com raiz. Principais tipos e classes de vegetais.

---

Plantas alimentares e forrageiras; estudo das principais espécies em nosso meio, e das utilizadas por nós.

---

Vegetais úteis às indústrias: têxteis, oleaginosas, aromáticas. Plantas medicinais e plantas venenosas; vegetais nocivos às plantas, aos animais, e ao homem.

---

Influência da vegetação sobre as condições de conservação e de proteção do solo, sobre o clima e a salubridade; necessidade real da proteção das matas contra as devastações inconscientes, egoísticas e gananciosas.

Defesa do indivíduo contra as inclemências do meio externo: a casa e o vestuário; noções sobre as condições higiénicas que precisam ter uma e outro.

Defesa da raça e da conservação da espécie pela vulgarização das noções de puzicultura. Necessidade da seleção dos noivos; cuidados inteligentes ás gestantes; higiene post-natal.

Livros:

Nos 3º e 4º cursos, os alunos, mais adiantados, poderão utilizar os livros seguintes:

V. Martel - elementos usuais das ciências físicas e naturais.

Dr. Saffray - (ensino intuitivo) - lições de coisas. Tradução de B. Alves Carneiro.

Claro está que ao professor não bastará conhecer estes, convido-lhe manusear ainda outros trabalhos. Por exemplo:

Maldemiro Potash - História Natural;

M. A. Seignette - Elements usuels des sciences physiques et naturelles (Ouvr. adapté pour les écoles primaires de la Ville de Paris. 1º, 2º, 3º cours.

Exercitando-se sobre as dosagens dos conhecimentos, o vando como deverá transmiti-los, o mestre não ficará inibido de compulsar obras de maior vulto, que aperfeiçoem sempre crescentemente o seu saber, contento que não pretenda infundi-lo, abstratamente e na mesma dose, os cérebros das crianças.

DESENHO E TRABALHOS MANUAIS

Observação

O ensino de desenho, como o de trabalhos manuais, é essencialmente educativo.

Deve procurar desenvolver na criança o sentido da sua personalidade, por do-a em condições de transformar o seu pensamento em ação, de passar de idéias e pensamentos íntimos para a representação material desses idéias e sentimentos.

O esforço natural do aluno deve ser estimulado de sorte a dar-lhe o gosto e o prazer da dificuldade a vencer.

Nada deve ser convencional ou copiado.

O professor será apenas o guia da atividade dos alunos, convidando-os á observação da realidade, sobretudo das suas propriedades.

Para facilidade do ensino, o desenho e os trabalhos manuais gravitarão em torno dos seguintes "centros de interesse".

- 1º- A casa: ocupações, deveres, prazeres da família.
- 2º- A vida em sociedade: meios de transporte, ocupações dos habitantes, diversões.
- 3º- A vida escolar.
- 4º- As férias.
- 5º- A natureza.

O professor conversará e trocará idéias com os alunos sobre qualquer dos



a desenhar ou fazer.

Fixado o objeto, a criança debaterá sobre as suas condições materiais, proporções, etc. e uma vez determinado um plano positivo, em mente, por-se-á em obra para a execução.

O professor que sentir facilidade deve fazer o desenho e os trabalhos manuais penetrar em as outras disciplinas do curso, que assim ganharão em elasticidade fugindo das estereis fórmulas convencionais.

DESENHO

1º ANO

- Desenho a mão livre, de memória e de imaginação.
- Plantas e paisagens
- Recorte da Silhueta das árvores
- Estudo gráfico das silhuetas.
- Coloração a lapis.

2º ANO

- Animais—Recorte no papel.
- O animal d'après nature.
- O animal na paisagem.

Desenho de formas geométricas, e dos objetos derivados dessas formas.

3º ANO

- Desenho da figura humana.
- Estudo da silhueta.
- Aplicação de cores e tons.

Desenho decorativo ou ornamental.

Exercícios sobre a fauna e flora brasileira. Suas aplicações para a ornamentação do lar.

4º ANO

Repetição geral. Exercícios gerais sobre qualquer assunto do programa.

TRABALHOS MANUAIS

V. observações comuns com desenho.

Os trabalhos manuais na escola primária são exclusivamente um instrumento de cultura geral, sem vestígios de aprendizado profissional.

Funda-se no princípio froebelliano da educação pela ação.

Os trabalhos de agulha, que sempre se fizeram em nossas escolas, são verdadeiros trabalhos manuais.

Deve, porém, permitir-se a plena invenção, proibindo-se terminantemente as cópias servir.

**1º ANO**

Tecidos e trançados.

Alinhavos em cartão.

Recorte de figuras e simétricas.

Modelagem de objetos de uso comum.

Trabalhos de agulha.

Jardinagem, com pomicultura e horticultura na zona rural.

As escolas que não obtiverem terreno para jardim farão o cultivo de plantas em vasos.

**2º ANO**

Construção em cartão de objetos sugeridos pelos centros de interesse.

Modelagem de formas geográficas.

Jardinagem.

Trabalhos de agulha.

**3º ANO**

Trabalhos em madeira com auxílio de um canivete.

Deve o aluno imaginar o objeto, traçar-lhe o desenho no papel e executá-lo.

Trabalhos de agulha.

Jardinagem.

**4º ANO**

Desenvolvimento dos programas anteriores

**Observação**

Não deve o professor esquecer que o curso dos trabalhos manuais e desenhos se destina a despertar a personalidade da criança, descobrir-lhe as aptidões e dar-lhe amor as profissões manuais.

**EDUCAÇÃO FÍSICA**

**1º TEMA**

(Meninos de 7 a 9 anos) meninos e meninas)

**Observação**

O professor se incumbirá de convencer os alunos da utilidade dos exercícios físicos, em vista da grande má vontade das famílias e das crianças pelos movimentos rítmicos de ginástica. Salientará quanto vale saber saltar bem em

ocasião de incendios; a utilidade da natação; é fácil vencer grandes distâncias quando se tem educação da marcha. Em conexão com as lições de higiene mostrará o valor da respiração bem feita, não só na marcha como no falar, além do efeito na economia do corpo. Indicará a influência dos exercícios metódicos no combate ao raquitismo, no crescimento, no equilíbrio das funções orgânicas e portanto, no equilíbrio moral. Fará ver que não são os grandes esforços, mas os pequenos esforços repetidos e gradualmente crescente, que fazem a energia e a resistência.

O professor não perderá ocasião de aconselhar aos alunos as mais corretas posições do corpo, devendo ele também exercitar-se, a fim de poder influir no animo das crianças. Os exercícios serão quanto possível acompanhados de cantos, quer nas marchas, quer nos movimentos ginásticos, quer nos jogos. Haverá cuidado em não se obrigar a exercícios mais fortes os alunos já enfraquecidos e que mais se esgotariam com os esforços. Dar-se-á aos meninos interesse por conhecer o seu peso, sua altura, sua capacidade respiratória. Esta se conseguirá, grasso modo, sem espirometro, fazendo encher de um felego balões de borracha que as crianças tanto agradam.

1º Começo de exercício: alinhamento, marcha linha, formar em coluna de 1, 2, 3 e 4, marcha em serpentina, em caracol, em círculos interiores e exteriores. Formar para ginástica em dois, em quatro. Marcar passo, meia volta adotar passo.

2º Jogos e movimentos de imitação: estrada de ferro, o gigante e o anão, a garça que dorme, a pêndula, o esvoaçar das aves, o polichinelo, a cambalhota, o bombeiro, o tocador de sino, o varredor, o marceneiro, o padador, o ciclista ou outros do conhecimento do professor (à escolha de 1 a 3 em cada sessão).

3º Flexionamento e distensão dos braços e das pernas e tronco. Respiração por ambas e por uma narina.

4º Pequenos jogos: o gato e o rato, onde está o grilo, o lobo e o cordeiro, peste humana, os prisioneiros, cabra cega, quatro sentinelas, peteca, saltos a corda e outros do conhecimento do professor. (1 a 2 em cada sessão).

5º Volta à calma, beber sopa quente, apagar a vela, canto de galo, a roda de fogo, o foguete, observar em longe e outros a escolha de 1 a 3.

6º Evoluções em serpentina, em caracol como no começo acompanhados de canto.

7º Duas vezes por semana será feita a educação sensorial.

Visitas: O detetive, a inspeção, a silhueta, e observador, etc.

Ouvir: e sentinela à noite, o ego, manobra com apito, o correio.

Tato: conhecer moedas, folhas, pedregas de pedras objetos usuais.

Olfato: reconhecer a natureza do conteúdo dos envoltórios pela olfação sem tocá-

-los.

## 2ª TURMA

Meninos e meninas de 9 a 15 anos

1º Alinhamento e evoluções do 1º ponto da 1ª turma.

2º Jogos e movimentos do Ponto 2º da 1ª turma.

3º Flexão e distensão dos braços das pernas, do tronco; movimentos dissimétricos,

reforcamento da caixa torácica, respiração por ambas e por uma só narina, com condução das espáduas, com elevação dos braços dobrados e estendidos. Exercícios de 2º ponto da 1ª turma (pontos 2 e 3).

4º Marcha nas pontas dos pés, erguendo e abaixando o corpo, movimentos de carruagens para direita, para trás e para esquerda. Exercícios de escaladas. Salto. Carreira.

5º Marcha com exercícios respiratórios. Evoluções com canto.

6º Educação sensorial. Desenvolvimento dos exercícios do programa da 1ª turma

7º Grandes jogos: barra, cabo de guerra, basket, ballet e outros jogos de movimento e energia.

PRENDAS

1º ANO

Tapeçaria com ponte de marca.

Bainhas simples e aberta.

Primeiros pontos de crochê de lã e de linha com aplicações práticas em objetos úteis.

2º ANO

Rêde de plassava (filet gripure)

Ponto de rêde com aplicações proventosas (filet).

Vários pontos de meia (tricôt).

Bordados de linha branca ou de natia.

Bordados de fantasia sobre desenhos imaginados pelas alunas.

Cornalidos, remendos em meias ou pano.

Conserto de peças do vestuário.

Fregamento de botões, colchetes, pressões, etc.

3º ANO

Frieleira (trivolitô).

Diversas espécies de franjas (macramê)

Bordados brancos e de sêda com maior desenvolvimento do que no 2º ano.

Flôres de papel, de pano, etc.

Banda inglesa.

Banda fácil de bilro ou de alcofada.

Elementos de aprendizagem do corte, costura de algumas peças do vestuário dos recém-nascidos.

Fregurar e casear.

4º ANO

Bordados a outro, a froco, a relévo.

Corte e feitura das diferentes peças do vestuário.

Trabalhos de fantasia com utilidade prática.

Aprender a costurar e a bordar na máquina onde seja possível.

CANTO E MÚSICA

1º, 2º, 3º e 4º ANOS

Conhecimento, pelo traçado no quadro negro, das figuras musicais positivas e negativas com os respectivos valores.

Notas.

Claves.

Pauta ou pentagrama.

Estudo dos compassos simples.

Exercícios de solfejo.

Canto coral de hinos escolares patrióticos e recreativos.

## A ORIENTAÇÃO MODERNA DO ENSINO PRIMÁRIO

### A ESCOLA BAIANA

A exemplo de outras corporações de ensino, reunimo-nos, hoje, aqui, para estudar em um curso de férias "a orientação moderna do ensino primário e procurar estabelecer, de modo preciso, a finalidade e a correlação que devem existir entre as diversas disciplinas cogitando também dos assuntos que constituem interesse vital e progressista do ensino."

As próprias palavras do texto da lei deixam claro o fim a que se propõe o nosso curso. Nessa palestra inaugural procurei ver convosco qual a moderna orientação do ensino primário, cingindo-me, de modo expresso, ao artigo da lei que define a escola primária baiana.

A escola primária, diz o artigo 65 da atual lei, será sobretudo educativa, buscando exercitar nos meninos os hábitos de observação e raciocínio, despertando-lhes o interesse pelos ideais e conquistas da humanidade, ministrando-lhes noções rudimentares de literatura e história pátria, fazendo-os manejar a língua portuguesa como instrumento de pensamento e de expressão; guiando-lhes as atividades naturais dos olhos e das mãos mediante formas adequadas de trabalhos práticos e manuais; cuidando finalmente do seu desenvolvimento físico com exercícios e jogos organizados e conhecimento das regras elementares de higiene, procurando sempre não esquecer a terra e o meio a que a escola deseja servir, utilizando-se o professor de todos os recursos para adaptar o ensino às particularidades da região e do ambiente baiano."

A organização que deu à escola baiana o artigo de lei que acabamos de ler, parece-me, vem marcar de um modo muito nítido, o sentido moderno da nossa escola.

Em torno desse artigo aduziremos considerações que somente se destinam a estudar os meios e processos de realizarmos, no seu sentido integral, a escola baiana, como a prescreve o texto da nossa lei.

Fixaremos, assim, a moderna orientação do ensino primário e, do mesmo passo, explicaremos a definição legal da escola baiana.

Indicaremos a atual orientação do ensino, mostrando como se enquadra essa orientação no sentido legal de nossa escola primária.

Aos que se entregam aos labores do ensino, mais do que nunca, hoje, se impõe esse dever de estudo. Não é surpresa para nenhum dos que aqui estamos, que a ciência pedagógica assume, dia por dia, maior complexidade. Acompanhar, no momento atual, o movimento de idéias em torno da escola, se é porém um árduo exercício, constitui, em compensação, para a inteligência uma das mais interessantes e absorventes excursões.

Caminhos novos abriram à pedagogia, a psicologia experimental e a biologia.

Ao velho empirismo pedagógico, empirismo que organizou a atual escola, sucedeu uma pedagogia científica que, mais cedo ou mais tarde, há de abrir caminho por entre as veredas tradicionais daquela velha organização.

É para facilitar essa tarefa que aqui estamos. A obra de renovação da escola se impõe como um dever científico e como um dever social.

E, entre nós, também como dever legal.

Quando, em outras terras, a longa sedimentação de civilização milenar, criou obstáculos valiosos a esses movimentos

renovadores, em nossa terra, onde os problemas agora é que se en-  
caminham para a sistematização verdadeira e para as adequadas so-  
luções científicas, a obra da renovação de escola já alogrou a  
conssagração oficial da lei.

Não é, pois, sem motivo que se diz que o progresso so-  
cial se faz por saltos.

São os países mais atrasados que, sofrendo os efeitos  
dêsse retardamento, se propõem, mais cedo, as reformas salvado-  
ras com que atingem graus de perfeição social superiores aos paí-  
ses de clássica civilização.

Êsses, em meio caminho do progresso, repousam tranqui-  
los nas conquistas realizadas.

Agora, possamos nós, que tivemos na legislação a cora-  
gem de reformar e de renovar, ter, na prática, igual coragem, a  
fim de, reformando os velhos processos ainda vigentes, integrarmos  
a escola brasileira no sentido moderno que lhe fixou o artigo de lei,  
em tórno do qual vamos fazer essa palestra inaugural do curso de  
férias de 1927.

x x x

Os esforços dos atuais renovadores da escola se exercem  
no sentido dos seguintes três princípios:

1º O ensino pela ação deve substituir o en-  
sino pelo aspecto.

2º O ensino deve ser fundado no interêsse da  
criança.

3º A escola deve preparar a criança para a  
missão do adulto;

Cumpridos êsses princípios, a escola será realmente  
"sobretudo educativa", porque habituará a criança ao uso da "ob-  
servação e raciocínio"; formá-la-á, praticamente, "mediante for-



mas adequadas de trabalhos práticos e manuais" e de exercícios de inteligência úteis e produtivos; conseguirá um desenvolvimento harmonioso da criança, não esquecendo de prender êsse desenvolvimento às condições da terra e do meio, porque o seu fim é preparar a criança para a missão do adulto.

x x x

Estudemos, para confirmar os nossos pontos de vista, cada um daqueles princípios.

#### ENSINO PELA AÇÃO

O ensino ativo. Aprender agindo. Learning by doing. Está aí grande parte da obra pedagógica moderna. Está aí um dos seus grandes esforços.

E o fundamento científico dêsse postulado pedagógico é o seguinte: a criança não se forma senão por um trabalho interior de crescimento e tudo que ela adquirir não lhe será verdadeiramente útil se não fôr elaborado e assimilado por um trabalho pessoal e ativo.

E a citação dêsse fundamento científico já deve ter afastado a idéia que poderia logo ocorrer, de que êsse ensino pela ação, fosse um ensino, por assim dizer, físico em que se não pudesse aprender sem um ato material ou manual.

Nada disto. A teoria do ensino ativo é apenas a teoria do ensino orgânico, do ensino natural, do ensino eficaz, podendo, igualmente, constituir um aprendizado manual ou intelectual.

Valendo-me do pensamento de um dos sistematizadores da escola ativa alemã (Arbeitsschule), o Dr. G. Kerchensteiner vou procurar fixar, com possível nitidez, o fundamento e sentido exato do ensino ativo.

Há duas espécies de saber: o saber produto do trabalho de outrem e que a criança se limita a receber; e o saber adquirido de experiência, pela atividade própria da criança. Como há ainda, duas espécies de atividade: atividade mecânica, que produz obras de imitação e se vale, sobretudo, das qualidades de aplicação, e atividade criadora, que produz obras novas e desenvolve as disposições naturais do menino.

Aquêle primeiro saber, que a criança recebe passivamente, desenvolvendo uma atividade puramente mecânica, não resulta em trabalho produtivo; não torna o espírito nem maior, nem mais forte, nem mais rico: não educa.

O verdadeiro trabalho educativo é o que resultar do saber adquirido de experiência, pela atividade criadora da criança.

É assim indispensável, para que se faça educação, pôr a criança em condições de se apropriar da matéria do seu conhecimento, de fazer dela, de alguma sorte, matéria do seu próprio eu.

E nesse sentido, vêde bem, se operam as próprias leis do desenvolvimento infantil.

Todo o saber da criança, antes do desenvolvimento da palavra, é um saber adquirido pela experiência. É certo que êsse saber não representa o verdadeiro saber criador e educativo, senão em quantidade ínfima. Porque a criança não adianta, verdadeiramente, na cultura de sua inteligência e no emprêgo da palavra, senão quando o trabalho de imitação vem juntar-se ao trabalho de experiência, que cheio de lacunas, exige o primeiro, como instrumento de transmissão do tesouro de idéias e de concepções adquiridas pelos antigos.

Mas êsse trabalho de imitação concorre, no período pre-escolar, apenas na medida estritamente necessária para que se torne possível o trabalho pessoal e produtivo.

O desenvolvimento da criança se faz desta sorte num ambiente de aprendizagem pela ação.

A escola, tal como é concebida hoje, vem interromper o fio dessa atividade criadora, estado normal e natural da criança e a substituir, prematuramente, pela atividade de imitação, procurando desenvolver, em lugar de um saber de experiência, uma cultura factícia pelo trabalho escolar mecânico.

Esse trabalho mecânico, repetimos, tem sua importância que não desconhecemos.

Todo o segredo está em saber dosá-lo. Só a aquisição de uma certa medida de saber mecânico é necessária à obra educativa. Aquela que fôr indispensável para pôr em execução as forças interiores produtivas, as predisposições naturais.

Sempre que houver excesso de imitação, há prejuízo, educacional.

O conhecimento a se fornecer por simples aquisição deve corresponder à pequena pressão necessária para projetar o espírito em sua velocidade natural, a fim de que ele faça em trabalho pessoal e trabalho produtivo.

Se quisermos definir com precisão esse trabalho produtivo que resulta do ensino pela ação, podemos dizer que é o trabalho a que se entrega o espírito quando faz a síntese entre antigas e novas representações, ou quando estabelece relação entre elas a fim de criar uma unidade superior.

E esse trabalho produtivo contribui, ainda, vêde bem, para o maior desenvolvimento mesmo daquelas qualidades de aplicação e paciência que são o instrumento especial da atividade mecânica. Com efeito o interesse que arrasta a criança a atingir uma forma de atividade superior, provoca o exercício de todas as forças individuais, levando-a a esforços e tenacidades de admirar.

Em resumo, os conhecimentos adquiridos por exclusiva receptividade não tem valor senão na medida em que podem entrar em relação com os dados da experiência pessoal, para preencher as inevitáveis lacunas; os conhecimentos adquiridos pela ação,

C. B. P. E.

pele trabalho produtivo, despertam as forças do organismo, fazem vibrar as fibras do ser inteiro, reanimam e mantêm a coragem, fazem desenvolver a personalidade, a vida do espírito e a alegria de crisar. Não são precisos melhores títulos para fixar o seu caráter educativo.

Esses, os fundamentos doutrinários do princípio de ensino ativo.

Mas, por que meios instalaremos o trabalho pessoal e o ensino ativo em nossa classe?

Escolhendo os assuntos de estudo entre coisas vistas e vividas pelo aluno; fazendo da escola um comentário e uma ilustração da vida da criança; não se afastando do meio e da região ambiente; explicando as ocupações, os usos e os costumes do homem nesse meio; para aproveitar assim o pensamento infantil, despertando-o pela observação; para alargar o campo de atividade própria da criança, fazendo-a chegar ao conhecimento da realidade por sua própria investigação e experiência, fornecendo-lhe a possibilidade de experimentar diretamente sentimentos de toda ordem e sobretudo e acima de tudo, desenvolvendo e exigindo o hábito do trabalho pessoal, do conhecimento pessoal, da experimentação pessoal.

REGENER resume em três pontos os fins a que deve tender toda escola para ministrar o ensino ativo:

1º. A escola deve ter por objeto proceder de sorte que a matéria a ensinar penetre no espírito infantil e nele se impregne ou incorpore em toda a acepção do termo.

2º. Deve, em toda a ocasião, pôr em obra o espírito de observação da criança, conseguindo desta arte que os conhecimentos sejam adquiridos pela experiência própria.

3º. Deve procurar tudo transformar em trabalho pessoal, em representações e criações próprias da criança.

Se, assim, procedermos, a escola continuará, em vez de

interromper, aquela primeira atividade infantil, natural e produtiva. E não virá a criança para ela, perder a personalidade e aprender a imitar.

Assim, por meio dêsse "sistema de trabalho escolar que liga a ciência adquirida pela experiência à ciência ensinada", que "encendeia as experiências escolares da criança às que fez em seu meio familiar, ao capital espiritual recolhido na vida quotidiana", voltará a escola à sua função formadora de espírito humano.

A escola tradicional, passiva e mecânica, deve, pois, renovar os seus métodos e processos.

Renová-los, no sentido de os tornar ativos. A criança não deve somente receber o conhecimento, mas desejá-lo e trabalhar pessoalmente para conquistá-lo. Só essa pedagogia da ação forma o caráter do homem, que está virtualmente contido na criança. Forma o caráter, porque desenvolve-lhe a vontade, exigindo de todo exercício intelectual e manual um esforço verdadeiro. Forma o caráter, porque lhe desenvolve a inteligência, obrigando-a a uma atividade construtora e pessoal. Forma o caráter, porque lhe estimula e exercita o sentimento, afinando-se pelo contato com a realidade humana que o ensino lhe proporciona e pela preocupação moral permanente de toda a educação. Forma o caráter, finalmente, porque lhe fortalece essa força interior que é, simultaneamente, produtora e resultante de todas as outras forças de vontade, inteligência e sentimento, e que marca nos homens as suas qualidades de nobreza, coragem e iniciativa.

O nosso curso de férias dirá dos métodos a empregar para que a escola cumpra efetivamente êsses grandes fins a que se destina.

Como vimos, queremos ensino ativo, e êsse ensino não se obtém sem que o trabalho escolar seja conduzido com o cuidado permanente de proporcionar à criança um ambiente natural ao seu pleno e harmonioso desenvolvimento.

E para que a escola constitua para a criança êsse cam-

pe adequado onde sua inteligência, sua vontade e seu sentimento se desenvolvem, é imprescindível que tudo na classe obedeça à constituição psicológica infantil, tudo na classe sirva para dirigir a atividade infantil, pelo seu caminho natural.

Tenhamos, sempre, como exemplo e modelo, a vida pre-escolar da criança. Crescem elas, no seio da família e da natureza, cheias de graça e inteligência. É um encanto vê-las dia por dia mais sabidas, mais formadas, mais educadas. Aprendem com a velocidade natural de um esforço biológico. A escola deve continuar esse ensino. Não extinguir, mas excitar a admirável curiosidade infantil.

Guiada com inteligência, a criança encontrará no aprendizado dos diferentes meios de expressão: desenho, construção, descrição verbal, o mesmo prazer e o mesmo encanto que a fascinavam nos brinquedos e nos jogos. Apenas entrará como elemento educativo novo, na escola primária, a exigência do esforço.

A criança não estudará descuidada de qualquer finalidade, como quando brinca. A escola lhe ensinará o esforço, a preocupação de fazer sempre mais exato, mais acabadamente, melhor. Mas isto não retirará o prazer da conquista, que continuará a conduzir crianças na sua nova fase de vida escolar como a conduzia, no jogo e no brinco, o desejo de movimento ou o prazer da vitória.

O princípio eterno de Froebel, de que a forma mais rudimentar do ensino é o jogo, continua a sua aplicação. No período pre-escolar, como na escola infantil, ele domina, ainda com o seu caráter simplesmente atrativo.

Na escola primária a fórmula froebeliana assume caráter mais sério; a criança não quer somente desenvolver a sua necessidade de ação pelo prazer que lhe vem de agir; mas busca um fim, esforçando-se por atingi-lo.

O prazer se torna mais grave, mas não será menor, se o professor souber fazê-la conquistar o ensino e não simplesmente recebê-lo prontinho dos manuais.

Tudo isto, há de parecer muito teórico: fantasia de quem não ensinou ainda.

A prática desfaz êsses castelos pedagógicos, mais facilmente do que eu posso chegar a imaginar.

Entretanto, essas idéias não são minhas. Não são também dos pedagogos de livros e de princípios. Mas de homens de ação, de diretores de colégios; eram as de Pestalozzi no seu colégio de Yverdon; são as de Kerchensteiner no ensino de Baviêra, que há mais de vinte anos está sob a sua direção; são as de todos os educadores que conheci na Europa e cujos colégios visitei.

Em todos êles se applicava o método ativo. Em todos êles a criança aprendia, fazendo. Em todos êles o desenvolvimento da inteligência, da vontade e do sentimento, se fazia por atos, por experiências, por meio de realizações. Muitas aulas meramente teóricas, assisti eu. Mas, ainda elas eram ativas. Professor e alunos dissertavam sobre o assunto. Por meio de perguntas e respostas o professor punha em trabalho todos aquêles pequeninos cerebros, que não adormeciam nem cochilavam pelos bancos, mas discorriam e argumentavam com o mestre o assunto da lição.

Porque será uma ilusão pensar que êsse ensino prático e ativo vai mudar as matérias a ensinar. Vai obrigar a programas exóticos. De modo nenhum. As matérias serão as mesmas. O mesmo o ensino. Apenas se aprenderá a língua como meio de expressão do pensamento e do sentimento e não como êsse estudo inútil e complexo de uma técnica gramatical opulenta e enfadonha. As lições mecânicas de análise serão substituídas por exercícios interessantes de linguagem de expressão, de interpretação e de declamação. Não só a criança ganhará amor a falar corretamente, como verá que o conhecimento da língua lhe alarga a faculdade de conhecer e de sentir as belezas, que nunca tivera sonhado. Ensinar a língua, com êsse es-

pírito, de fornecer um modo de expressão rico e insuperável, é, só por si, bastante para o tornar alegre e querido.

O desenho e o trabalho manual serão os auxiliares da língua. Já se foi o tempo em que—desenhar era um dom. Hoje o desenho, a construção ou a palavra são meios de expressão que devem ser comuns a toda a gente. A expressão verbal, gráfica ou de construção, não se distinguem, em essência, uma da outra.

Ensinadas com eficiência, todos os homens as devem manejar com relativa facilidade.

Tôdas têm faculdade educativa, sempre que respresentem verdadeiro trabalho ativo.

Mas, não alimentemos também a ilusão, mais perigosa ainda, de que, desde que numa lição de geografia se fêz um pouco de desenho cartográfico, se deu uma lição ativa.

Desde que, em história, se copiou um modelo de estilo arquitetônico, se fêz uma lição ativa.

E em história natural, desde que se colou em um papel uma fôlha e se alinharam ao lado os nomes complicados que lhe deu a ciência, se fêz lição ativa.

Tão mecânico foi esse ensino quanto o de uma simples memorização de datas.

Serão ativas e práticas as lições, se ensinarmos a geografia—vivendo-a, comunicando á criança o seu sentido e a sua aplicação, guiando-a em excursões, interessando-a nos acidentes naturais que a envolvem, despertando-lhe a curiosidade de conhecê-los cientificamente, de saber o que produzem, como se aproveitam êsses produtos, que influência exercem sobre os homens que aí vivem... E daí, dêsse interesse imediato, dessa geografia a vida, que se a curiosidade infantil para outras terras, que a criança irá conhecer sobretudo pelos benefícios, pelas utilidades, pelas curiosidades, pelo seu sentido econômico ou estético, e não por essa estilização mecânica de acidentes geográficos, em trabalhos intermináveis de cartografia.



Ensinar-se-á praticamente a história, e ativamente, se dermos à criança o sentido espiritual do passado, fazendo-a compreender essa ciência, primeiro, pela descrição de fatos contemporâneos, do seu conhecimento e daí procurando remontar aos tempos anteriores. Por meio de excursões. De visitas. De gravuras. De ilustrações.

Em história natural a lição será ativa, se em vez de inutilidades crimonosas das nomenclaturas científicas de uso exclusivo dos especialistas, se fizer o ensino intuitivo, de lição de coisas, ensinando à criança o que lhe é útil e aproveitável, e mostrando que o verdadeiro espírito da ciência é o da utilidade, e o de conquistar os elementos para o aproveitamento humano. É ensinar despertando o gosto das coleções pessoais, da investigação pessoal, da experiência pessoal.

Não reclama, assim, como diz Kerchensteiner, a escola nova, nem ruptura com o passado, nem reformas irrealizáveis.

"Tudo o que existe na escola tradicional deve subsistir. As transformações esperadas são de ordem didática. Ora, as questões didáticas são, por uma parte, questões de lógica, e por outra parte questões de psicologia infantil ou ainda questões de oportunidade, dependentes de circunstâncias locais, temporais ou econômicas.

#### INTERESSE E ENSINO

Para que o ensino seja ativo, prático, educativo, é imprescindível que o ensino interesse à criança. A teoria do interesse é a fortaleza mais guerreada das que constituem a escola moderna.

Em resumo, o grande argumento contra esse espírito da escola renovada cifra-se no seguinte: a vida é um conjunto de sacrifícios e atos feitos contra a vontade; habitue-se a criança na escola a essa vida de prazer, estudando somente o que lhe interessa e ter-se-á preparado um homem que será um vencido antecipado.

na luta pela vida, que recusará horrorizado ante os seus sacrificios, os seus desgostos, as suas contrariedades. Mais vale habituar, de cedo, a criança a uma vida de esforço e de relativa contrariedade porque isso lhe fortalecerá o caráter e lhe enrijará a coragem de viver.

A essa teoria da educação pelo aborrecimento, com recio de criar homens que por demasiado confiantes na vida lhe estranhassem a rudeza, não seria precisa outra resposta que a de apontar para a América do Norte,?

Foi ali que nasceu a teoria do interesse na escola. Foi naquela civilização de homens fortes, naquela civilização de iniciativa e de esforço, onde a vontade humana conhece tôdas as audácias e tôdas as vitórias, que os educadores compreenderam que só se educa interessando.

Porque, e aqui continuamos a série de nossas considerações anteriores, só o trabalho pessoal é educativo e não há trabalho pessoal em uma atividade não querida e não aceita. Para que a escola seja educativa, é necessário que ponha em atividade, a espontaneidade criadora da criança e essa só vibra só se entusiasma com o que a interessar verdadeiramente.

O interesse é, na pedagogia, um sintoma de verdade. Se interessamos a criança é que acertamos com as suas tendências psicológicas, com as suas tendências pessoais.

E aos que tem horror de fazer a vontade às crianças— são eles tantos ainda hoje, os que tem essa concepção medieval da escola,— aos que tem horror à liberdade das crianças, e que dizem: não é educar deixá-las fazer tudo o que querem respondamos com Claparède: não, em nossas escolas a criança, não faz tudo o que quer; a criança quer tudo o que faz.

Porque não queremos outra coisa. Não desejamos a anarquia da escola.

Não desejamos suprimir programas e autoridades. 6

cedo ainda para isto. Será talvez sempre cedo para isto. Queremos que o ensino interesse de tal modo á criança, que ela o queira sempre. E leve para a vida escolar o mesmo arrebatamento, o mesmo entusiasmo que conduz na vida real.

Convém, entretanto, evitar mal entendidos. Despertar o interesse, na educação, não corresponde a fazer educação atrativa, a criar dilettantis.

O interesse, pelo contrário será a condição do esforço o seu toque de despertar.

A educação a fazer-se, é a educação do esforço. Mas, esta só será atingida se soubermos despertar o interesse. Presente o interesse, criança estará pronta a partir para a mais árdua e mais difícil das tarefas.

Porque ela se identifica com o trabalho e esse trabalho será assim produtivo e educativo.

O contrário será impor à criança uma tarefa, obrigá-la a um esforço contra a vontade, doutrina que John Dewey, nome cuja significação não preciso encarecer, pois é um dos grandes sistematizadores da escola americana, classifica como uma das mais desmoralizadoras em educação, porque todo o esforço concebido como uma tensão da vontade para aquilo a que falta interesse, é uma anomalia.

Logo educar por essa doutrina é favorecer as anomalias, as deformações, os defeitos.

E efetivamente. Todos nós tivemos as lições inúteis. Todos nós tivemos essa educação pelo enfado. E que nos sucedeu? Habitamos a nos dividir entre a escola e a vida. Entre os trabalhos que nos interessavam e os exercícios escolares que nos apareciam como aparelhos de tortura.

E nem uma coisa nem outra fazíamos bem. Porque só se faz bem aquilo a que nos atiramos com toda a nossa alma.

Convenciamos-nos de que, na vida, há coisas sem interesse e que temos, queiramos ou não, de fazer, e entre elas estavam todos deveres sérios. Porque, no tempo da infância a escola que era o nosso dever primordial, era também por excelência, o dever triste, o dever enfadonho.

E não será por isto que nos é hoje tão difícil encontrar homens que comparem com vigor, com exatidão, com amor a sua missão?

E não será por isto que encontramos tantas vezes uma secreta vaidade em homens que não cumprem o seu dever? Não querem eles, tantas vezes, dar a impressão de que se libertaram?

E não será tudo isto o resultado. desmoralizante daquela escola que não educou o esforço, porque não soube despertar o interesse, não soube habituar as crianças a trabalhar com energia e com prazer?

A escola sem interesse é o trabalho feito pela metade, é a ausência daquela preocupação central de que falamos, de exatidão, de aperfeiçoamento, de progresso.

E será, por outro lado, difícil despertar o interesse no ensino?

Eu não poderia dizer, aqui, já vai longa essa palestra, de todos os trabalhos, de todos os estudos realizados nesse sentido e que já torna não só possível, mas direi fácil, relativamente fácil manter sempre aquêlê interesse. Digo relativamente fácil, porque sempre a pedagogia prática há de ser uma arte e a arte exige dos outros habilidade, engenhosidade, destreza de mãos e de espírito. E nem tôda gente pode ser artista ou educador.

Mas, direi, entretanto, que se todos nós nos interessamos pelas coisas, com muito mais razão a criança que é um ser novo, que surge para a vida curioso de tudo, indagador e investidor por natureza, rico de virtualidades que irão despertar e flo

rescer, e admiravelmente plástico nas mãos sábias do mestre.

Como o ensino há de interessar à criança, já vimos, quando dissemos que os assuntos devem ser retirados da vida, do meio ambiente da criança, das coisas que se lhe prendem imediatamente, de sorte a não se romper aquela continuidade que desejamos mantida entre a vida de fora da escola e na vida escolar.

Não será difícil, como vêdes, dar à escola baiana as características educativas que vamos apontando.

No fim dêsse segundo parágrafo, retenhamos pois: todo exercício escolar deve ser ativo, resultando em trabalho produtivo, em trabalho pessoal. Para isso todo exercício escolar deve, antes de tudo, interessar. Para interessar deve prender-se à vida, ao universo infantil, aos móveis atuais da criança. Todo exercício escolar deve, ainda, ser feito com esforço, isto é, com empenho, com desejo de exatidão e de perfeição.

#### A ESCOLA DEVE PREPARAR A CRIANÇA PARA A MISSÃO DO ADULTO

Essa parte do nosso estudo exigiria uma explanação que não nos será possível no momento. Com efeito toda a educação cívica, e ainda a educação técnica deveriam ser aqui tratadas.

Como vimos fazendo, entretanto, eu não me deterei senão em fixar as diretrizes que vão ser desdobradas nas aulas especiais que vamos ter.

Procurarei restringir-me a indicar, assim, somente aquelas idéias que o professor deve trazer sempre em mente para que a escola não se afaste do espírito que lhe deu a atual lei, falhando desta sorte aos seus fins essenciais.

Antes de tudo, na preocupação de preparar a criança para a missão do adulto, deve a escola fornecer uma educação profissional ou, ao menos, sua preparação. Este dever só será cumprido quando a escola primária superior puder, por toda parte, continuar

a primária elementar, isto é, quando a organização do nosso ensino primário estiver completa.

O que compete, entretanto, no momento, à escola elementar? As suas responsabilidades são hoje maiores, do que serão amanhã quando forem organizadas as escolas primárias superiores.

A nossa escola pública antes de tudo, destinando-se à educação do povo, não deve esquecer de que a quase totalidade dos seus alunos terá profissões manuais. Por isto, não se desenvolverá quanto for possível o trabalho manual, que de simplesmente educativo, nos primeiros anos, poderá nos últimos aproximar-se da aprendizagem, ganhando assim um sentido mais profissional, como habituará a criança à idéia do trabalho, falando das diversas profissões da região, preparando, assim, o espírito infantil para a vida útil de amanhã. De sorte que o trabalho manual se destine não somente à educação física, dando exatidão, destreza, golpe de vista, não somente à educação intelectual, desenvolvendo a inteligência e a iniciativa pessoal, o sentido estético, mas à educação moral no sentido de reabilitar a profissão manual, de mostrar a sua dignidade, perfeitamente igual à das profissões intelectuais.

Para isto, a escola não só preparará o aluno (se não for possível praticamente, faça-o, pelo menos, moralmente) para uma profissão, desenvolvendo como diz a lei um ensino regional, interessado pelo trabalho e indústria locais como lhe mostrará que essa profissão não será somente a atividade que lhe vai entreter economicamente a vida, mas, a sua função na comunhão baiana e na comunhão nacional.

E assim não só o aluno se prepara para o trabalho mas o passa a encarar, na sua concepção exata de função social que lhe compete executar como membro da sociedade que é a Bahia, que é o país.

E completando essa noção, deve a escola ainda despertar nesse aluno que está preparado para a vida, que compreende que nels não vai somente trabalhar egoisticamente, mas exercer com sua

profissão, uma função indispensável à comunidade, despertar-lhe um desejo de aperfeiçoamento de sorte que esse futuro homem compreenda "que lhe compete contribuir não só pelo trabalho profissional, mas pelo desenvolvimento de sua própria personalidade ao progresso moral do estado."

O aluno, assim, depois de compreender a profissão que lhe caberá na vida prática, depois de perceber que essa profissão não existe isolada, mas ligada a mil outras que juntas formam a atividade nacional, e que o levará à compreensão da colaboração mútua, da solidariedade e por fim de que ele exerce uma função, com todos os limites e responsabilidades que se prendem a esse conceito, ainda levará no coração despertado pela escola o desejo e a confiança de, enriquecendo a sua personalidade, colaborar para o engrandecimento moral do seu país.

Não são outras as idéias de um dos mais recentes educadores alemães de quem já tivemos ocasião de falar, Kerchensteiner.

Não pude senão, indicar idéias.

Elas serão mais tarde, retomadas para uma explanação mais completa e mais minuciosa.

Ficou entretanto delineado de que sorte deve a escola fugindo ao verbalismo livresco que a caracteriza, formar praticamente e moralmente os homens de amanhã.

Não faço, nessa palestra, o processo da escola atual. Procuro tão somente indicar as possíveis diretrizes da escola de amanhã. Por isto não me detenho em dizer o que faz a nossa escola quanto à formação prática e à formação moral.

Por isto não digo ou não repito, que os melhores dos nossos alunos primários são candidatos indefectíveis às carreiras chamadas liberais.

São letrados precoces, de iniciativa gasta, deformadas pelo ensino livresco da classe primária.

Empenhados, somente, em fixar o que poderemos e o que de  
vemos fazer, repitamos, ainda uma vez, as nossas conclusões.

1ª - Nosso ensino deve ser pela ação, ensino ativo, para que a escola seja educativa; para isto os exercícios escolares não devem ser mecânicos ou de simples memorização, mas vivos, experimentais, produtivos;

2ª - O ensino deve prender intimamente à vida real, pondo a criança em contato com as coisas, ensinando-lhe de acordo com o meio que a envolve, a fim de que o interesse infantil seja mantido e possa, ainda, a escola ser formadora e educativa;

3ª - O ensino deve ser prático, concreto e preparador, tanto quanto possível de uma profissão futura para o escolar;

4ª - O ensino porá o aluno em contato com o ideal nacional e humano, fazendo-o compreender que ele é uma parte dessa comunidade, para a qual lhe compete trabalhar, a fim de que seja um elemento útil a si, à sua família, ~~à sua família~~, à sua pátria e, assim, à humanidade.

Sanderson, um dos grandes educadores modernos da Inglaterra, de quem Wells escreveu uma luminosa biografia, ideou, não chegando a realizar por lhe ter sobrevindo a morte, a construção de um edifício, no centro do seu colégio de Cundle, entre as salas de aulas, as oficinas, os ateliers e o ginásio, que se chamaria a Casa do Futuro, destinado a abrigar toda a história do progresso e da civilização humana e onde o aluno por meio de gráficos, de modelos e de desenhos pudesse acompanhar todo o evoluir do homem nas épocas passadas e sentindo a sua dívida para com as gerações que o precederam, sentir igualmente a sua responsabilidade e o seu dever para com as futuras gerações.

A grande concepção de Sanderson coincidia com o que de  
ve ser a própria escola.

Não é a isto que se destina essa oficina de formação do homem que aqui esboçamos?



Não é essa escola viva, por que vamos todos trabalhar a verdadeira Casa do Futuro?

Trabalhemos, pois, todos por essa escola renovada e adaptada aos seus fins.

Dia por dia a escola cresce, todos o vemos, em importância e influência social.

A família, premiada pelos deveres materiais ou despreocupada para a sua missão, já não educa, já não pode educar.

A educação refugiou-se na escola.

Que ela seja digna desses grandes deveres. Que compreenda a sua gravidade, em épocas, como a nossa, de ciência e de progresso.

Não é só a responsabilidade moral, mas a responsabilidade técnica, a responsabilidade profissional que é formidavelmente agravada. Coragem, devotamento, verdadeiro dom de si mesmo à escola, não falta a esse admirável professorado que me ouve.

Esforcemos por juntar a esse grande cabedal espiritual, essa consciência científica que é, hoje, indispensável ao mestre.

É essa consciência científica que vimos fortalecer e animar em o nosso curso de férias. Sejamos assíduos a ele e tragamos para aqui uma indisfarçável generosidade de inteligência e um desejo sincero de tornar a nossa escola mais eficiente, mais útil, mais adaptada aos seus fins.

## OS NOVOS PROGRAMAS DE ENSINO DO DISTRITO FEDERAL

(Dr. Anísio Spínola Teixeira)

Atendendo á sua gentil insistência para dar a minha opinião sobre os novos programas de ensino do Distrito Federal, devo dizer-lhe que os devemos receber aqui pela província como a palavra bem esclarecida e bem orientada da metrópole que deve ser a guieira segura de todos nós, em tais assuntos.

Fatigados dos programas anódinos ou atrasados de outras épocas, vejamos com júbilo a Capital do país, tomar afinal essa orientação esperada de dar sentido á escola brasileira.

Os novos programas se não são perfeitos nel alguém podia deles exigir tanto, revelam um, admirável progresso do ponto de vista de adaptação do ensino primário aos seus verdadeiros fins.

Não é só na matéria a ensinar que surgem salutaras novidades, todavia a tomar vivo e útil o estudo é o método a seguir, nas instruções orientadoras—tudo feito com uma minúcia, um detalhe, um carinho—que, parece, começamos, afinal, a sentir imprescindível tornar característica e eficaz a nossa antiga e formal e teórica escola primária.

Ha qualquer coisa de tocante nesses programas, tão singelamente elucidativos, tão cuidadosamente minuciosos, tão atentos ás dificuldades do mestre, que vai consolidar a escola brasileira.

Senões... eu não os quereria ver, e se os vir, ainda bem, que muito desvalorizada é minha opinião, para que todos os compreendam como reparos sinceros, mas nem sempre acertados.

Direi, pois, que se os programas novos trabalharam muito para aproximar a escola da vida real, pareceu-me não ver neles um plano bastante definido de progressiva educação intelectual.

Seria talvez possível tornar mais nítido e mais coordenado o plano geral do seu ensino.

No primeiro ano, em volta do fito central de adquirir os instrumentos imediatos e imprescindíveis a todo progresso escolar— a leitura e a escrita—deviam girar os conhecimentos ainda fragmentados das demais matérias do programas, ministrados no método amavel do jardim de infância.

No segundo ano, iniciar-se-ia o estudo propriamente dos elementos de cada matéria. Daí em diante esses elementos começariam a grupar-se, nitidamente, em volta de duas idéias centrais— a idéia do Brasil e a idéia do trabalho.

Do quarto ano em diante, os estudos primários procuravam sistemizar-se, devendo já buscar a educação primária certa solidez e precisão científicas.

O juízo e o querer do pequeno brasileiro, chegam nesse fim do

estudos a um estado de desenvolvimento, que embora elementar, não será por isto menos ordenado, menos decisivo e menos claro.

Essas idéias, estão virtualmente contidas nos novos programas; desejaria, porém, vê-las mais vincadamente traçadas, e dominadoras.

Quanto ao método propriamente do ensino, deverei dizer que achei, talvez, com demasiada insistência empregado o método chamado concêntrico

Não seria mais eficaz esse outro, que se deliberou chamar de coprendado e progressivo, em que mais visivelmente se foge da monotonia das repetições exageradas, buscando-se dar ao ensino um caráter ascendente de sorte a cada passo da criança ser um passo em um mundo novo?

Como se vê, não se quer nem se pode banir a repetição, mas evitar que esse instrumento de ensino perca pela monotonia, a sua eficácia.

De isto estou certo, que, seguidas as instruções do programa, o professor evitará o possível enfado, com a indústria e a engenhosidade de seus processos de ensino.

Por outro lado, todos os aplausos não bastariam para a feição, já não direi prática, mas quase experimental com que todo ensino é guiado. Realizados os programas, o ensino primário deixará de ser formal e abstrato. A escola no Distrito Federal será, realmente, a escola ativa a escola do trabalho.

Nada daquela passiva absorção de conhecimentos, mas métodos ativos em que o aluno faz para aprender, trabalha para aprender, recomeça, afinal, pessoalmente, as experiências com que toda a humanidade aprendeu.

Aluno e professor ali se confundem na mesma atividade, o ultimo num constante apelo ao esforço do primeiro; certo de que ensinar ao menino o trabalho intelectual vale mais do que enriquecer-lhe a memória de conhecimentos.

E deste feito o programa expende o método mais eficiente e prestigioso para o ensino à criança.

Merece destaque especial, ainda, o vigor com que se procura no novo plano de ensino Federal, tornar a escola, verdadeiramente, uma preparação para a vida.

Todo o ensino está embebido da idéia de ser útil e educativo. De por um lado tem sempre em vista a sua aplicação imediata ou futura, por outro lado, busca desenvolver a inteligência, a reflexão, o julgamento, a justeza no pensamento e na linguagem.

A nossa escola antiga procurava sobretudo fornecer uma cultura abstrata e teórica, visando a inteligência e o espírito da criança e esquecendo o fim utilitário da escola, isto é, formar o pequenino homem do trabalho, da sua terra, de sua profissão de amanhã.

Hoje corremos o risco do exagero reacionário.

Mas, a esse escolho, parece-me, fugiu o novo programa Federal. Os cuidados com a inteligência e o coração e com a utilidade dos conhecimentos se contrabalançam ali.

Conhecimentos sólidos e de aplicação concreta, mas ministrados edu